

JUVENTUDE (S), TRABALHO E EDUCAÇÃO: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Coordenadores:

- Marlene Almeida de Ataíde
Titulação mais alta: Doutor(a)
Filiação institucional: Universidade de Santo Amaro - UNISA
- JAYSON VAZ GUIMARÃES
Titulação mais alta: Doutor(a)
Filiação institucional: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA

Resumo: O tema da juventude no Brasil, além de relevante tem se colocado de forma bastante intensa nos últimos anos, ampliando e diversificando discussões que nos convocam para refletir questões e desafios na busca da construção de diagnósticos e propostas de trabalho para quem atua em ações e iniciativas dirigidas aos jovens. Dentre os desafios postos a questão do trabalho e da educação são temas que se desdobram na vida desse segmento populacional. Tradicionalmente, os estudos que buscam definir a condição juvenil assinalam que a passagem da escola para o mundo do trabalho, ao lado da independência em relação à família de origem e da constituição de um novo núcleo familiar, constitui-se como marco fundamental no processo de transição para a vida adulta. Muitas outras combinações entre trabalho, escola e família são possíveis e, além disso, ampliam-se as possibilidades de que essas combinações sejam marcadas por imprevisibilidades e reversibilidades, levando hoje a se falar em “percursos não-lineares” (ou “trajetórias ioiô”), como indica Pais (2005).

Justificativa: A proposta que ora apresentamos vincula-se a estudos que tem na sua centralidade a(s) juventude (s), no plural, pois, nos últimos anos os jovens têm sido pauta de exaustivos debates em face da grande ênfase e relevância desse tema no Brasil. Dentre os vários motivos para esta atenção podem-se apontar: a densidade demográfica, gênero, raça, etnia, orientação sexual, trabalho, educação, violência, o impacto das novas tecnologias, os jovens como sujeitos de direitos entre outras dimensões. O último censo do IBGE aponta que temos no nosso país um contingente de aproximadamente 51,3 milhões de sujeitos jovens (IBGE, 2010), na faixa de 15 a 29 anos, o que corresponde a 25% da população. Este dado remete à necessidade de pautas e políticas específicas para atender tamanha demanda. Temos ainda o impacto das novas tecnologias que também apresenta grande relevância na caracterização dos jovens atuais, visto que eles são fortemente permeados por esta nova realidade, configurando-os diferentemente dos sujeitos de outras gerações. Desta forma a definição de juventude pode ser desenvolvida por uma série de pontos de partida: como uma faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social, uma geração. Mas todas essas definições se vinculam, de algum modo, à dimensão de fase do ciclo vital entre a infância e a maturidade. Trata-se, portanto de uma categoria sócio-histórica, e nesta perspectiva é importante concebê-la na sua heterogeneidade, pois existem diferentes grupos juvenis que possuem suas experiências influenciadas pelos espaços, tempos e contextos em que estão inseridos. É nesta perspectiva que acolhemos contribuições

de pesquisadores sobre a temática da(s) juventude(s) voltada para questões que envolvem o mundo do trabalho e a educação na contemporaneidade, com o suporte investigativo da história oral.

Objetivos: Na perspectiva acima exposta pleiteamos que os interessados neste ST tenham como perspectiva a metodologia da história oral utilizada nos seus trabalhos, tendo em vista que “[...] a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais”. (LOZANO, 2006, p. 16). Camargo (1994, p. 75-76) ressalta que “[...] a história oral, no fundo, é um instrumento pós-moderno para se entender a realidade contemporânea. [...] Pós-moderno por sua elasticidade, por sua imprevisibilidade, por sua flexibilidade”. Na discussão em seu texto sobre a visão do historiador modernista Chartier (1996), reforça a posição quando afirma que a proximidade, longe de ser um inconveniente, permite um melhor entendimento da realidade estudada, e conforme as suas palavras,

[...] o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e, portanto partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais. Ele é, pois o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cuja história ele escreve. [...] Para o historiador do tempo presente, parece infinitamente menor a distância entre a compreensão que ele tem de si mesmo e a dos atores históricos, modestos ou ilustres, cujas maneiras de sentir e de pensar ele reconstrói. (CHARTIER, 1996: 216).

Ao discutir a importância da história oral Portelli (1997), a tem como um recurso para as pesquisas qualitativas. Este autor nos alerta para a subjetividade do sujeito que expõe seus relatos, enfatizando como elemento precioso inigualável a qualquer outra fonte, pois a história oral expressa, além dos eventos, os significados; a aderência ao fato cede passagem à imaginação, ao simbolismo.

Bibliografia: BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. (Org.). Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CAMARGO, Aspásia. História Oral e Política. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). História oral e multidisciplinaridade. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (Orgs.) Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FERREIRA, Marieta de Moraes; Amado, Janaina. (Coords.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/> Acesso em 20/de maio/2014.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p.15-25.

PAIS, José Machado. Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2005.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. Cultura e Representação. Projeto História, n.14, São Paulo: Educ, 1997.

PERONDI, Maurício. Narrativas de jovens: experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Educação, Tese de Doutorado, 2013, 260 p.

SPÓSITO, Marília Pontes. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: SPÓSITO, Marília Pontes (Coord). Juventude e escolarização (1980-1998). Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.